

Jornal compara Brasil a órfão que matou pais e pede clemência

FINANCIAL TIMES

As propostas do Brasil a respeito da dívida externa fazem lembrar, "inevitavelmente, as daquela criança que, depois de matar os pais, busca a clemência do tribunal dizendo-se um pobre órfão", diz o jornal londrino *The Financial Times* em editorial, ontem. As propostas do ministro Bresser Pereira — acrescenta — surgiram na "hora errada e numa forma errada", mas parecem "ter prejudicado muito pouco o Brasil" porque daqui a duas semanas serão realizadas as conferências anuais do FMI e Banco Mundial. O jornal qualifica de "lamentáveis" alguns aspectos da administração econômica do Brasil, como a reforma monetária promovida pelo Plano Cruzado. Esta é a íntegra do editorial:

A crise da dívida é o apêndice adoentado da economia mundial. Contudo, longe de ser um estado crítico, ela é uma enfermidade crônica, cujos agravamentos são tratados com medicamentos de efeito breve, na triste expectativa de que tais paliativos, em pouco tempo, serão requeridos novamente.

O mérito das propostas do ministro da Fazenda do Brasil, Bresser Pereira, está no fato de, pelo menos no caso do seu país, ele ter sugerido uma operação inesperada. A desvantagem é que elas surgiram da fonte errada, na hora errada e numa forma errada. A reação de James Baker, secretário do Tesouro norte-americano, e dos bancos comerciais deve ter deixado Bresser Pereira consciente destes pontos salientes.

PAGAMENTO DOS JUROS

De qualquer forma, a decisão de fazer as propostas, e de retirá-las prontamente, parece ter prejudicado muito pouco o Brasil, especialmente pelo fato de as conferências anuais do FMI e do Banco Mundial

estarem previstas para dentro de pouco mais de duas semanas. O ministro conseguiu o êxito de criar, simultaneamente, a noção de um registro explícito da dívida na cabeça dos credores do seu país, e, ao mesmo tempo, demonstrando flexibilidade ao retirá-la sob pressão.

O valor de mercado da dívida comercial brasileira é agora cerca de 55% do seu valor nominal, com o tamanho do desconto refletindo parcialmente a longa interrupção no pagamento dos juros. A proposta brasileira era de converter metade dos débitos com os bancos comerciais em apólices de longo prazo e juros baixos, papéis nos quais haveria um reconhecimento dos valores atuais de mercado. E não é nada surpreendente que as propostas tenham seguido as providências gerais adotadas por muitos bancos comerciais contra débitos do Terceiro Mundo.

Aceitar esse fato consumado, pouco antes das conferências do FMI e do Banco Mundial, seria considerado um erro.

Mais do que isso, qualquer grande mudança no tratamento do Brasil, o maior de todos os devedores, dificilmente poderia ser isolada da atenção de outros países endividados. O anúncio feito pelo presidente Alfonsín, da Argentina, de sua intenção de congelar o pagamento dos juros, torna claro, ao mesmo tempo, o crescimento da pressão e o perigo de concessões apressadas, em qualquer um dos casos. O Brasil pode desempenhar um papel valioso de catalisador, mas não se deveria permitir que determine, sozinho, como o problema da dívida dos países em desenvolvimento será manejado.

As objeções mais sérias dizem respeito ao perigo de premiar o Brasil por sua má administração. A dívida do Brasil está sendo negociada abaixo do seu valor nominal, em larga medida, por causa de decisões tomadas pelo próprio Brasil. O esforço feito para gerar superávits comerciais tem sido impressionante, mas outros aspectos da sua administração econômica, nos últimos anos, são lamentáveis: o Plano Cruzado transformou-se em um exemplo de como não se deve promover uma reforma monetária, o setor público continua inchado, e com suas finanças ainda fora de controle a política comercial do Brasil continua a ser protecionista e economicamente ineficiente e, afinal, o Brasil decidiu interromper, unilateralmente, o pagamento dos juros.

FONTES PRIVADAS

Nessas circunstâncias, as propostas do Brasil fazem lembrar, inevitavelmente, a daquela criança que, depois de matar os pais, busca a clemência do tribunal dizendo-se um pobre órfão.

Apesar dessas objeções, Bresser Pereira levantou algumas questões importantes, para as quais os credores, e especialmente os governos dos países industrializados precisam encontrar respostas. A economia mundial não parece mais capaz de produzir as condições para uma recuperação de larga escala, para empréstimos voluntários de fontes privadas aos países em desenvolvimento, do que cinco anos atrás. A necessidade de engajamento em freqüentes renegociações dos termos de refinanciamentos ainda envenena as relações entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Realmente, chegou a hora de se encontrar uma cura douradora para a enfermidade".